

QUE TIPO DE LÍNGUA FOI FALADA PELOS CRENTES NO DIA DE PENTECOSTES E NA IGREJA PRIMITIVA?

Introdução:

Este pequeno artigo tem o objetivo de responder a seguinte pergunta: Que tipo de Línguas foram faladas pelos cristãos no dia de Pentecostes e na Igreja Primitiva? Para respondermos esta questão iremos utilizar somente as Sagradas Escrituras, pois cremos e confessamos que elas são a nossa única regra de fé e prática, ou seja, tudo aquilo que cremos e fazemos deve ser de acordo com a única Regra Divina para a vida da Igreja: A Palavra de Deus.

A questão das línguas estranhas não é algo de pouca importância. Muitos cristãos sinceros e bem intencionados (em sua maioria) estão afirmando que hoje provam a mesma experiência espiritual de falar línguas estranhas como os crentes da era apostólica, chegando até a impor como um mandamento esta experiência a todos os crentes.

Outros que não provaram do falar em línguas sentem-se não tão espirituais quanto aqueles que têm o dom de línguas ou que já provaram esta experiência. Além disso, a questão do falar em línguas foi um instrumento de divisão no seio das igrejas cristãs. Hoje as denominações são divididas entre “tradicionalistas”, “pentecostais-tradicionalistas” e “renovadas ou neo-pentecostais”.

Portanto, a questão das línguas estranhas não é algo que devemos considerar como dispensável, mas que deve ser analisado à luz da Palavra de Deus, porque produziu e está produzindo divisões em todo mundo entre crentes e entre denominações que se dizem cristãs.

Então, que tipo de língua estranha foi falada pelos crentes em Pentecostes na igreja primitiva? Esta pergunta nos leva a buscarmos na Escritura quais as características daquelas línguas registradas em Atos dos Apóstolos e na Primeira Carta Aos Coríntios. A Bíblia apresenta três características fundamentais:

- Elas eram idiomas da terra concedidos pelo Espírito Santo;
- Elas traziam uma mensagem profética revelada por Deus;
- Elas eram um sinal de juízo para os judeus incrédulos.

I As línguas eram idiomas da terra concedidos pelo Espírito Santo

Começamos esta seção pelas citações bíblicas feitas por Lucas em Atos dos Apóstolos. A Palavra de Deus em At. 2.8 diz o seguinte: “... Como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna?”

Nesse texto vemos a expressão de perplexidade dos viajantes que vieram para cultuar a Deus em Jerusalém. Estes visitantes eram “homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu” (v. 5). As Escrituras registram quais eram suas origens: “Somos partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas mediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e arábios (vs. 9-11)”.

Assim o Espírito Santo de forma inequívoca declara nas Escrituras que esses judeus e prosélitos ficaram maravilhados com o fato deles estarem ouvindo em suas próprias línguas as grandezas de Deus que lhes eram faladas pelos apóstolos e pelos outros discípulos (vs. 6,7,8,11).

Para compreendermos melhor este ponto devemos fazer algumas perguntas: No v. 6: O que causou a perplexidade na multidão? Resposta: O fato que cada um os ouvia falar na sua própria língua!

Nos vs. 7, 8: Por que os mesmos ouvintes ficaram atônitos e se admiraram com os galileus? Resposta: Porque sendo eles estrangeiros ouviam cada um em sua própria língua materna os galileus falarem as grandezas de Deus a eles . No v. 11: Em quais línguas os galileus falaram as grandezas de Deus aos judeus e prosélitos de Jerusalém? Resposta: Na língua dos partos, medos, elamitas... (vs. 9-11).

Estas perguntas são necessárias, pois muitas pessoas utilizam estas mesmas passagens para defender que as línguas faladas no dia de pentecostes eram línguas ininteligíveis (misteriosa ou dos anjos) e, em alguns casos, podem ser línguas terrenas.

Em lugar algum da Escritura nós encontramos referência a uma língua falada que não seja um idioma da terra. De Gênesis a Apocalipse Deus se comunicou de forma falada aos homens por meio de idiomas humanos. Veja os seguintes exemplos

Quando Ele se comunicou com Adão foi por meio de uma língua inteligível. Deus em Babel dividiu o mundo em línguas (idiomas) inteligíveis aos seus grupos lingüísticos (Gn 10.5,10; 11.9). Os anjos que falaram com Abraão comunicaram-se por meio de um idioma terreno (Gn 18). A sentença de juízo escrita pela mão misteriosa na parede do palácio real de Belsazar (Dn 5.25): “MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM” era em aramaico uma língua terrena conhecida pelo profeta Daniel!

E se partirmos para o Novo Testamento veremos o mesmo. No capítulo das Sagradas Escrituras que mais fala sobre línguas encontramos a referência de que as línguas faladas pelos crentes na Igreja de Corinto eram idiomas da terra (1 Co 14.21): “Na lei está escrito: Falarei a este povo por homens de outras línguas e por lábios de outros povos, e nem assim me ouvirão, diz o Senhor.” Também, mencionamos que em Apocalipse todas as mensagens faladas a João eram feitas na língua conhecida pelo Apóstolo!

Apesar de todos estes exemplos na Escritura, os grupos pentecostais tentam de todas formas basear seu ensinamento sobre línguas ininteligíveis e angelicais na Bíblia.

Certos eruditos do meio pentecostal chegam a usar um argumento supostamente baseado no texto original (grego) para dizer que a Bíblia confirma línguas angelicais. O argumento é o seguinte:

No Novo Testamento existem duas palavras diferentes para descrever as línguas estranhas. A primeira delas é glossa (γλῶσσα); e a outra é dialektos (διλεκτος). Baseados nesta verdade, os pentecostais ensinam que ocorreram dois tipos de línguas no dia de Pentecostes: Uma língua ininteligível (glossa) e outra inteligível (dialektos).

Todo este argumento nos parece, a primeira vista, um tanto convincente, porém se o analisarmos com detalhe veremos que ele não passa de uma falta de entendimento da língua original do Novo Testamento. Pois, ao afirmarem que “glossa” é um tipo de língua ininteligível e “dialektos” é inteligível é ir além do sentido das próprias palavras usadas pelo Espírito Santo, para registrar o ocorrido em Atos 2 e em 1 Co 14.

Por que é ir além? Porque no Novo Testamento estas duas palavras são usadas uma pela outra (intercambiavelmente) para descrever os idiomas falados pelos homens. Vejamos onde elas aparecem nos textos originais do Novo Testamento:

1. Glossa (língua) - Atos 2:4, 11; 19:6; 1 Co 12:10; 13:1,8; 14 ; Fp 2.11; Ap 5:9.

2. Dialektos (idioma, dialeto) - Esta palavra só ocorre no Livro dos Atos dos Apóstolos nas seguintes passagens: 2:6,8; 21:40; 26:14.

Se o ensino pentecostal quanto a distinção de significado e aplicação de glossa e dialektos é correto, então, devemos pensar no seguinte:

Primeiro: Porque o Espírito não inspirou os escritores sagrados a usarem a palavra

“dialektos” ao invés de “glossa” nas passagens de Atos 2.11, Filipenses 2.11 e Apocalipse 5.9? Todas essas passagens usam glossa no sentido de uma língua inteligível.

Segundo: Por que Lucas em Atos 2 usa estas duas palavras uma pela outra? Nos vs. 6 e 8 Lucas usa a palavra “dialektos” e no v. 11 ele usa a palavra “glossa” para descrever o motivo pelo qual os ouvintes estavam perplexos.

Comparando estes versículos vemos que na mente do escritor inspirado não havia diferenças entre “glossa” e “dialektos”. Se houvesse uma diferença, então, seria muito estranho Lucas escrever no v. 11 que eles estavam entendendo as grandezas de Deus por meio de uma língua ininteligível.

O Apóstolo Paulo também não tinha em mente uma diferença de significado e aplicação entre “dialektos” e “glossa”. Vejamos as seguintes passagens:

a. 1 Co 13:1 – “Ainda que eu fale a língua (glossa) dos homens e dos anjos... “. Nesta passagem o Apóstolo Paulo usa “glossa” não como uma palavra especial, mas para descrever o idioma dos homens. Isso explica o motivo do Apóstolo usar “glossa” em 1 Coríntios para falar sobre o dom de línguas (idiomas).

b. 1 Co 14:21 - Neste verso o Apóstolo cita a profecia de Isaías 28:11, para mostrar aos crentes que as línguas eram um sinal para os incrédulos. Paulo esclarecendo a profecia bíblica diz que Deus iria falar ao povo incrédulo “por homens de outras línguas e por lábios de outros povos,...”.

A expressão original para “homens de outras línguas” é “heteroglossos” (ετερογλωσσοις), que aparece somente nesta passagem e descreve, literalmente, os falantes de línguas estrangeiras.

Parece que seria muito estranho Paulo falar sobre uma língua misteriosa que ninguém pudesse entender, que seria usada por Deus para mostrar o Seu juízo sobre os incrédulos. Sendo assim, Paulo também não defende o conceito pentecostal sobre “glossa” como sendo uma língua ininteligível.

Mas, o que dizer das línguas dos anjos citadas em 1 Co 13.1? A explicação mais natural conforme o contexto da passagem e da Escritura como um todo é que o Apóstolo Paulo utiliza a figura de linguagem chamada “hipérbole”, ou seja, uma linguagem exagerada em 1 Co 13.1. A intenção do Apóstolo inspirado não é ensinar a existência de línguas angelicais, mas mostrar a excelência do amor sobre todas as coisas.

Paulo usa esse mesmo tipo de figura de linguagem em Gálatas 4:15 dizendo: “que, se possível fora, teríeis [os irmãos da Galácia] arrancado os próprios olhos para mos dar”. Com certeza ele sabia que isto não aconteceria, mas ele usou uma linguagem exagerada (hipérbole), para mostrar a profundidade do amor que os nossos irmãos tinham por ele. Para concluir este ponto devemos dizer que as línguas em Pentecostes e na Igreja de Corinto eram dadas pelo Espírito Santo (v. 4; Cf. 1 Co 12:7,10), ou seja, era uma obra extraordinária de Deus.

Portanto, não há fundamento bíblico para defender línguas ininteligíveis, mas, podemos ensinar pela Bíblia que: as línguas bíblicas faladas pelos crentes em Pentecostes e na Igreja de Corinto eram idiomas terrenos.

II As línguas traziam uma mensagem profética revelada por Deus

As línguas estrangeiras em Atos dos Apóstolos e em 1 Coríntios tinham caráter profético e revelacional. Isto significa que o conteúdo das mensagens proclamadas por nossos irmãos era inspirado por Deus, pois tanto a língua como a mensagem eram “segundo o Espírito lhes concedia que falassem” (At 2.4). Alguns detalhes na Escritura nos levam a crer assim.

Primeiro, no v. 4 encontramos uma palavra no original grego importante que é *apophtheggomai* (inf. pres. méd. pass. deponente). Ela é usada apenas em três passagens no Novo Testamento e significa falar, declarar (At 26.25), falar sob inspiração (At 2.4,14).

Lucas emprega esta mesma palavra (v.14) para descrever o ato do apóstolo Pedro quando ele declara aos judeus incrédulos o que estava acontecendo no Dia de Pentecostes. A mensagem do Apóstolo era com autoridade dada por Deus. Pedro começou a mostrar com base no Antigo Testamento, que todos aqueles eventos e aquilo que eles estavam ouvindo pela boca dos galileus eram o cumprimento das promessas dadas pelos profetas da antiga dispensação.

O segundo detalhe é que não era estranho para o Apóstolo Pedro explicar o que estava acontecendo como sendo o cumprimento da profecia de Joel (2.28), que diz:

“acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, ... até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão” (At 2.17,18).

Sendo assim, a Escritura nos leva a crer que os crentes em pentecostes não estavam falando uma língua desarticulada e sem sentido, mas estavam falando com intrepidez a mensagem profética inspirada pelo Espírito Santo de Deus.

Somos levados a ver este mesmo ensino na Epístola aos Coríntios. Quando verificamos as características das línguas em Corinto, percebemos que a única diferença é que as línguas em Atos não precisavam de interpretação, enquanto que aquelas que eram faladas em Corinto necessitavam de interpretação.

Mas, fora disso não havia outras diferenças, pois: a) as línguas faladas em Corinto eram concedidas pelo Espírito Santo (1 Co 12.7-11); b) O conteúdo da mensagem em línguas era profético (1 Co 14.5,12,17,19) e, por isso, devia ser interpretado para edificação da igreja (14.6).

Outro detalhe é encontrado em Atos 2.11. Segundo este texto os apóstolos e discípulos falavam “as grandezas de Deus” (*ta megaleia to Theou*). Quando a multidão perplexa usa esta frase, ela está baseando sua expressão na Septuaginta (LXX), que é a versão grega do Antigo Testamento, que usa esta palavra “*megaleia*” somente em um contexto religioso.

Esta expressão “as grandezas de Deus” nós a encontramos apenas duas vezes (existem outras citações na LXX, mas elas estão nos livros apócrifos). A primeira delas é em Deuteronômio 11.2 e a outra é no Salmo 71.19.

Esta expressão é usada para descrever os atos salvadores de Deus na história da redenção do Seu povo (isto tanto na Escritura do Velho Testamento como nos apócrifos). Assim a palavra sugere feitos milagrosos, obras magníficas, como na criação, os milagres na retirada do povo de Deus do Egito, ou manifestações salvadoras. Resumindo, ela tem o conteúdo profético de mostrar o Senhor Deus como o Grande Salvador do povo da Aliança na história.

No Evangelho de Lucas encontramos esta expressão no cântico inspirado de Maria (Lc 1.49). Nesta passagem ela diz: “Porque o Poderoso me fez grandes coisas. Santo é o seu nome.” Estas “grandes coisas” têm a ver com a escolha de Maria para ser a mãe do Salvador do mundo, ou seja, estava ligada diretamente com o plano de Deus para salvar Sua criação.

Portanto, quando Lucas usa esta expressão em At 2.11, ele mostra que o conteúdo da mensagem era revelação de Deus acerca da salvação em Cristo. Portanto, podemos dizer que: As línguas de Atos e Corinto eram idiomas terrenos, cujo conteúdo de sua mensagem era revelação de Deus acerca da Salvação em Cristo e para a edificação da Igreja da era apostólica.

Com tudo isso surgem grandes problemas para aqueles que defendem línguas estranhas hoje. Primeiro, para se defender fortemente línguas estranhas hoje deve-se também defender fortemente que as Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento são insuficientes. Insuficientes para:

Primeiro, Edificar a Igreja de Cristo. Porque, conforme vimos, as línguas que são registradas em Atos e na Igreja de Corinto serviam para edificar os crentes por meio das verdades reveladas. Segundo, para Revelar ao homem as grandezas salvadoras de Deus em Cristo Jesus.

Então, como explicar o que Paulo escreve aos crentes em Roma (Rm 1.16,17) e a Timóteo em (2 Tm 3.16)? Estas duas passagens mostram que somente a Escritura Inspirada é capaz de comunicar aos homens o que é necessário para a salvação em Cristo e para a edificação da Igreja.

Outro problema é que a defesa de línguas estranhas para hoje, conseqüentemente, nos leva a negar que a revelação de Deus não cessou nas Escrituras (1Co 13.8-10), mas que ainda hoje os crentes estão recebendo revelações (pois as línguas são revelações). Sendo assim, dizer que as línguas de Pentecostes e Corínto ocorrem hoje é o mesmo que negar o encerramento do Cânon das Sagradas Escrituras. Além disso, devemos lembrar que defender acréscimos a Revelação dos profetas e apóstolos do Senhor é o mesmo de se fazer maldito. (cf. Jo 20.30,31; Gl 1.8,9; Ap 22.18-21).

III As línguas eram um sinal de juízo para os judeus incrédulos

Línguas estrangeiras e a manifestação do juízo de Deus estão bem ligados na Bíblia. Desde o início da humanidade Deus manifesta isto.

A primeira demonstração encontra-se no Livro de Gêneses (Gn 11). O Senhor dividiu os homens em grupos lingüísticos, por causa da total rebelião deles. Ali já podemos ver claramente a ligação entre línguas e juízo.

Antes de Deus aplicar esta maldição, “em toda terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar”(Gn 11.1). Podemos dizer que Deus dividiu os homens por meio das línguas estrangeiras, e até hoje estas línguas lembram o juízo de Deus sobre a humanidade. Não podemos fugir desta verdade.

Deus continuou a usar línguas como sinal de juízo mesmo depois de Babel. Ele falando a Israel diz - se caso o povo de Deus não se mantivesse fiel à Aliança - que Ele levantaria “uma nação de longe, ..., nação cuja língua (idioma) não entenderás;”(Deuteronômio 28:49).

O povo de Israel pôde sentir isso na pele, pois Deus cumpriu em toda a história do Seu povo no Antigo Testamento esta maldição. Quando Israel se encontrava desviado e ouvia os povos de línguas estrangeiras falando, a igreja lembrava que Deus estava punindo-lhe por causa dos seus pecados. Foi assim no Livro dos Juizes, nos exílios (na Assíria e Babilônia).

Desta forma, as línguas já eram sinais de juízo contra os judeus antes mesmo de Pentecostes (Cf. Is 28.11; 33.19; Jr 5.15. Veja ainda referente as nações estrangeiras como instrumento de juízo: Is 5.25,26; Jr 1.15; 6.22) .

Devemos concordar que seria estranho se a manifestação de línguas em pentecostes perdesse a característica de ser um sinal de juízo para os judeus incrédulos. Caso isto acontecesse, estas línguas estariam em desacordo tanto com as outras partes das Escrituras quanto com o contexto das passagens em Atos e 1 Coríntios.

Devemos prestar atenção em alguns detalhes que ligam as manifestações de línguas do Antigo com as do Novo Testamento:

Primeiro: As línguas como sinal de juízo foram manifestadas em períodos de rebelião e

apostasia. Foi assim em Babel quando os filhos dos homens, descendentes de Noé, se rebelaram e abandonaram a fé dos seus pais quebrando a Aliança (Gn 9.8-18; 10.6-10; 11.1-9).

Israel (Reino Norte) provou a mesma coisa quando Deus levou os assírios contra ele para riscá-lo de Sua presença, porque profanaram a Aliança de Deus (2 Reis 17.1-23). A mesma coisa aconteceu quando Judá (Reino Sul), rebelou-se contra Deus ferindo o Pacto (2 Cr 36.11-21).

Portanto, nestes episódios registrados na Escritura do Antigo Testamento podemos dizer que tinham duas coisas em comum na manifestação de línguas: a primeira, uma atitude de rebelião e apostasia da fé no Deus da Aliança. A segunda coisa era o sinal das línguas estrangeiras para mostrar o juízo de Deus.

Não podemos deixar de enxergar estas mesmas características no período do Novo Testamento quando as línguas estranhas foram manifestadas em Pentecostes e em Corinto.

Os judeus dos tempos de pentecostes estavam em plena apostasia e rebelião contra Deus. Os judeus não receberam o Messias prometido (Jo 1.11), negaram o Pai quando rejeitaram o Filho (1 João 2:23), não amavam ao Pai, pois odiavam o Filho (Jo 8.42; 14.24; 16.27).

Israel dos tempos de Cristo à semelhança dos Reinos Norte e Sul, perseguiram os profetas e apóstolos que o Senhor Jesus enviou para falar-lhes as palavras de salvação (Mt 23.29-37; Lc 11.47-51). Os judeus invalidaram a Escritura por meio de suas tradições (Mt 15.3,6; Mc 7.7,8,13).

Jesus em suas parábolas falou muito bem da atitude de rejeição do povo de Israel (Mt 21.28-32; 33-46; 22.1-14). Os judeus perseguiram, negaram, caluniaram e assassinaram o nosso Senhor Jesus Cristo por mãos de iníquos (At 2.23,36). Desta maneira, eles estavam negando ao Deus da Aliança quando eles negaram a Cristo.

A acusação do Apóstolo Pedro contra os judeus impenitentes em At 3.13-15 mostra esta rebelião e apostasia. As expressões nessa passagem são todas pactuais. Ele fala do Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. Ele dá títulos pactuais a Jesus Cristo chamando-O de: a) O Servo (Is 42.1; 49.6; 50.10; 52.13; 53.11); b) O Santo (Is 1.4; 5.24; em Lc 1.35 o Santo estava sendo gerado no ventre de Maria); c) O Justo (Is 24.16. Compare com At 7.52;22.14). Estes títulos estão relacionados diretamente com a Aliança de Deus. Sendo assim, estavam em total rebelião contra Deus e em plena apostasia!

Outro detalhe é que a profecia de Joel interpretada por Pedro menciona não somente o derramamento do Espírito, mas também execução do juízo divino, antes que venha o grande dia do Senhor (At 2.19-20). Como podemos ver, não foi sem motivo que Deus em Sua soberania usou línguas em Pentecostes.

Deus mostrou que Seu juízo estava sendo executado sobre os judeus incrédulos. Deus manifestou, com o sinal das línguas, que o Jesus por eles humilhado e morto foi ressuscitado, subiu ao céu e está entronizado à destra de Deus Pai. Este mesmo Jesus estava cumprindo a promessa esperada por todos os fiéis da Antiga Aliança, que agora é desfrutada em Cristo por todos os fiéis na Nova Aliança (At 2.32,33,36,38,39; 1 Pe 1.10-12).

O que entendemos segue o que o Apóstolo Paulo entende sobre este assunto. Para ele os idiomas estrangeiros falados pelos crentes era um sinal de juízo para os incrédulos (1 Co 14.22).

Portanto, com base nas Escrituras podemos dizer que as manifestações de línguas tinham dois aspectos: o primeiro uma atitude de rebelião e apostasia da fé no Deus da Aliança. O segundo aspecto era o sinal das línguas estrangeiras para mostrar o juízo de Deus.

Deus mostrou aos judeus com o sinal de línguas, que a tarefa de anunciação do Evangelho tinha sido tirado de suas mãos e dada a povos de outras línguas. Ele estava cumprindo o que Jesus tinha falado em (Mt 21.43): “Portanto, o reino de Deus vos será tirado [dos judeus] e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos”. As línguas estavam dizendo aos judeus que eles não mais era a Igreja, mas a Igreja agora eram todos aqueles (tanto judeu como gentio) que confessassem Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador (At 2.21; Rm 1.16,17; 10.10-13; Ef 2.11-20). A esta igreja cabia anunciar o Evangelho por todo mundo (Mt 28.18-20).

Em Pentecostes e em Corinto as línguas foram um sinal de juízo para os judeus rebeldes e incrédulos, mostrando que Deus estava salvando e reunindo em sua igreja eleita aqueles que procedem de toda tribo, língua, povo e nação.

Queremos mencionar as palavra do Dr. Sinclair B. Ferguson: “Os efeitos de Babel foram assim reprimidos. Agora a palavra da reconciliação será pregada em muitos idiomas, já que os discípulos receberam o poder prometido do Espírito Santo que os capacitou a testificar de Cristo por todo o mundo” (O Espírito Santo. Editora Os Puritanos, pág. 79. 1ª edição: São Paulo).

Diante desses pontos poderemos perguntar: 1. Que função teria para nossos tempos as línguas estranhas? Será que precisamos de algo, além da Bíblia, para mostrar que todos aqueles que negam a Cristo estão debaixo do Juízo de Deus? Precisamos de algum sinal, além da Palavra de Deus, para mostrar a Israel que o Reino de Deus foi passado para a Igreja?

A resposta para todas estas perguntas é: Não! Pois agora temos a Palavra de Deus encerrada no Antigo e Novo Testamento, algo que os nossos irmãos em pentecostes e nas igrejas não tinham. Naquela época a igreja estava recebendo por meio dos Apóstolos e profetas da Nova Aliança (Ef 2.20; 3.5). Enfim, o Senhor Deus não tem motivos para usar as línguas estrangeiras hoje como sinal de juízo contra os judeus incrédulos.

Conclusão:

Finalmente, alguém pode perguntar: “Então, que tipo de língua estranha é falada pelos grupos carismáticos, pentecostais e neo-pentecostais”?

Respondemos, com todo respeito: não são as línguas bíblicas. Primeiro, porque a Escritura nos mostra que as línguas de Atos e na Igreja de Corinto eram idiomas. Prestando atenção no que se diz e se escreve pelos defensores de línguas hoje não encontraremos sendo ensinado na escola dominical ou escrevendo, que os crentes devem pedir a Deus que lhes façam falar milagrosamente inglês, alemão, hebraico, grego ou qualquer outra língua da terra. Pelo contrário, nas suas palestras e literaturas, as características das línguas não são explicadas conforme a Bíblia; e o falar em idiomas é tratado como uma exceção.

Podemos dizer que as línguas modernas são resultantes de êxtases psicológicos provocados pela ânsia sincera de receber um dom especial do Espírito Santo.

Os testemunhos dos defensores das línguas hoje revelam que muitos daqueles que dizem falar em línguas, receberam este “dom” quanto estavam exaustos de joelho num círculo de oração repetindo rapidamente as palavras: Glória! Glória! Glória!

Outros que receberam este dom quando estavam orando, durante um longo período de jejum. Outros que receberam quando estavam andando na rua “ligados no céu”. Outros que receberam dormindo por meio de um sonho-revelação. Situações cheias de obsessão por uma experiência que se pensa ser do Espírito Santo.

São muitos testemunhos os mais estranhos, mas o que podemos dizer é que as línguas

faladas por tais pessoas não são as línguas bíblicas, pois, não trazem as características das línguas manifestadas no início da Era Cristã. Então, por causa das Escrituras, não encontramos motivos para concordar com o conceito pentecostal de línguas estranhas. Concluimos dizendo que não temos a intenção de desrespeitar aqueles que passaram ou passam por estas experiências. Não os consideramos todos como farsantes. Acreditamos que na sua maioria são pessoas sinceras que querem dedicar suas vidas ao Senhor Jesus Cristo. Elas foram ou estão sendo enganadas pelas experiências “espirituais” provocadas pela doutrina pentecostal que defendem.

Bibliografia pesquisada:

- Vingren, Ivar. Diário do Pioneiro Gunnar Vingren - CPAD – Rio de Janeiro: 2000.
- Conde, Emílio. História das Assembléias de Deus – CPAD – Rio de Janeiro: 2ª Edição 2000;
- Etapas da Vida Espiritual – CPAD – Rio de Janeiro: 3ª Edição 1962; Igrejas Sem Brilho – CPAD – Rio de Janeiro: 7ª Edição 1986.
- Oliveira, João de. Confronto Doutrinário – CPAD – Rio de Janeiro: 4ª Edição 1992.
- Berg, David. Daniel Berg: Enviado Por Deus – CPAD – Rio de Janeiro: 1995.
- Souza, Estevam Ângelo de. Nos Domínios do Espírito: defendendo e compartilhando a experiência pentecostal – CPAD – Rio de Janeiro: 3ª Edição/1996.
- Cabral, Elienai. Lições Bíblicas: Maturidade Cristã – CPAD – Rio de Janeiro: 1º Trimestre de 1994.
- Horton, Stanley M. , ed. – Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal –CPAD – Rio de Janeiro: 1996.
- Bícego, Valdir Nunes – Lições Bíblicas Jovens e Adultos, 1º Trimestre de 1998 – CPAD – Rio de Janeiro.
- Discipulado: A Sua Nova Vida em Cristo, nº 2, Lições 11-13 - CPAD – Rio de Janeiro.
- Pearlman, Myer. Conhecendo as Doutrinas da Bíblia – Vida.
- Grudem, Wayne A.. Teologia Sistemática – Vida Nova – São Paulo: 1999.
- Robertson, O. Palmer. A Palavra Final – Resposta Bíblica à Questão das Línguas e Profecias Hoje – Os Puritanos – São Paulo: Março de 1999.
- Schwertley, Brian. O Movimento Carismático e as Novas Revelações do Espírito – Os Puritanos – São Paulo: Junho de 2000.
- Chantry, Walter J.. Sinais dos Apóstolos – Observações sobre o pentecostalismo: Antigo e Moderno – PES – São Paulo: 1996.
- Reis, Dr. Anibal Pereira . A Segunda Bênção – Caminho Para Damasco Ltda – São Paulo: 1982.
- Vasconcelos, Josafá. Nada se Acrescentará: O Que Dizer de Novas Revelações Hoje? – Os Puritanos – São Paulo: 1998.
- Ferguson, Siclair B.. O Espírito Santo – Os Puritanos – São Paulo: Junho de 2000.
- MacArthur Jr, John F.. Os Carismáticos: Um Panorama Doutrinário – FIEL - São Paulo: 1998.
- Hulse, Erroll. O Batismo do Espírito Santo – FIEL – São Paulo: 1995.
- Stott, John. Batismo e Plenitude do Espírito Santo - Edições Vida Nova – São Paulo: 3ª Edição 2001.
- Horton, Michael Scott, ed. Religião de Poder: A Igreja sem fidelidade bíblica e sem credibilidade no mundo. – Cultura Cristã – São Paulo: 1998.
- Matos, Alderi Souza de; Lopes, Augustus Nicodemus; ...; Fé Cristã e Misticismo: Uma avaliação bíblica de tendências doutrinárias atuais – Cultura Cristã – São Paulo: 2000.
- Knight III, George W.. A Profecia no Novo Testamento – Os Puritanos – São Paulo:

1998.

Breese, Dave. Conheça As Marcas Das Seitas – FIEL – São Paulo: 1998

Bezerril, Moisés Cavalcanti. Os Profetas do Novo Testamento – Um Estudo sobre a natureza da profecia no Novo Testamento – Uma avaliação da moderna teoria dos dois níveis de profecia. – Produção independente:

Aland, Kurt, ed., The Greek New Testament, Germany, United Bible Societies, 1983, 3ª edição.

Rienecker, Fritz. Chave Lingüística do Novo Testamento Grego – Vida Nova – São Paulo: 1995.

Gingrich, Wilbur F./Danker, Frederick W.. Léxico do N.T. Grego/Português – Vida Nova – São Paulo: 1984.

Concordância Fiel do Novo Testamento vls. I e II – FIEL – São Paulo: 1ª edição 1994.

Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento – Vida Nova – São Paulo: 1ª edição 1981.

Dicionário Internacional de Teologia do Velho Testamento – Vida Nova – São Paulo: 1998.